

São Paulo, Abril de 1961.

Exmo. Sr.

Dr. Richard Lord Waddell

M.D. Presidente do Instituto Mackenzie

Senhor Presidente,

Tenho a honra de lhe apresentar o relatório de minhas atividades no ano passado, pedindo desculpas pelo atrazo com que o faço.

Peço permissão para historiar alguns fatos. Em 1954, o Dr. Peter G. Baker, depois de expôr-me o plano de um trabalho espiritual dentro do Mackenzie, pediu-me que indicasse alguns nomes de ministros presbiterianos que pudessem realizar uma obra de capelania no Instituto. Entre os nomes sugeridos lembro-me de que figuravam os dos Revs. Osvaldo Emerique, Francisco Alves, Teofilo Carnier, Wilson Lício, Paulo Rizzo e Adauto Dourado. Consultados, nenhum pôde aceitar o convite. Fiquei surpreso quando o Dr. Baker um dia me chamou para oferecer-me o lugar. Eu estava então deixando a Secretaria Geral da U.C.E.B. e pretendia voltar ao ministério mais ativo. Ouvindo o conselho de alguns amigos e orando, e, ao mesmo tempo, desejoso de servir a uma causa tão nobre como aquela para a qual eu convidara alguns dos mais ilustres ministros de nossa igreja, e à qual eu já estava de alguma maneira ligado porque vinha colaborando havia vários anos com a Escola Dominical, resolvi aceitar o cargo de capelão do Mackenzie. Na ocasião o Dr. Baker explicou-me as razões pelas quais seria conveniente não usar o termo capelão ou equivalente. Eu seria "Diretor do Departamento Cultural" e trabalharia como "assistente do Presidente". O Presbitério de São Paulo, depois de indagar das condições do trabalho e do salário que eu iria receber, concedeu-me licença para ser Capelão do Mackenzie.

Durante todo estes anos, sempre com a licença renovada pelo Presbitério, procurei fazer juz à confiança em mim depositada fazendo o que estava ao meu alcance e ao alcance sobretudo das possibilidades financeiras do estabelecimento. Foi assim que consegui, no setor cultural, fundar uma orquestra universitária, um teatro universitário e um coral misto. Muitas vezes o auditório Ruy Barbosa se encheu para ouvir os programas que o Departamento Cultural organizava. Tivemos aulas de teatro das especialmente aos universitários que participavam das peças, sob a direção do Prof. Fausto Fuser. Obtivemos também entradas para espetáculos fora do Mackenzie, e fizemos acôrdo com o Teatro Popular sob a responsabilidade do Governo do Estado. Infelizmente, na ocasião em que deveríamos levar uma peça de Molière ao ar livre, sobreveio o mau tempo que tudo atrapalhou. Mas os contactos ficaram feitos.

O problema do Teatro escolar é um problema muito sério. Não faltariam oportunidades de fazer dentro do Mackenzie qualquer teatro. Talvez, numa universidade, fôsse possível e até mesmo recomendável, que se fizesse qualquer teatro, ou até mesmo que se deixasse aos estudantes o critério do teatro que se deveria ter no Mackenzie. Mas nós entendemos que, em virtude das circunstâncias especiais de um lado a de abranger o estabelecimento também os cursos secundários, e por outro a de constituir o teatro uma série de problemas de ordem moral, tanto na forma como no fundo - deveria haver uma cautela muito grande na seleção das peças como do pessoal, principalmente do dirigente. O teatro do Mackenzie teve um começo notável, sob a responsabilidade artística e técnica de um jovem competente e sério o Sr. Fausto Fuser, católico liberal, que me foi recomendado pelo Prof. Vieira Neto. Para o estudo da problemática filosófica e social do teatro brasileiro, achamos que o melhor era recomendar aos estudantes a ida a espetáculos nos vários teatros da cidade e a reflexão sobre as peças. Infelizmente o Sr. Fuser não pôde continuar no Mackenzie por falta de verba.

Quanto à Orquestra, tivemos um período bem animador que se encerrou também pelo mesmo motivo.

A pequena verba para o Maestro Kaniefsky, antigo aluno, nome de grande prestígio nos meios artísticos e culturais de São Paulo, não pôde ser concedida, e a iniciativa morreu.

O coral não encontrou o apóio de que necessitava por parte de elementos da direção em todos os departamentos do Instituto, e por isso não passou de um coral feminino.

É evidente que o sucesso de atividades extracurriculares depende não apenas dos planos e projetos de alguém que as queira promover, mas sobretudo do apóio integral e efetivo dos diretores dos diversos cursos.

O mesmo problema se encontrava presente na maior parte de outras iniciativas, como, por exemplo, a realização de assembléias dos cursos de Colégio, Escola de Comércio e Escola Técnica; o plano de acampamentos de estudantes e de professores;-(neste último caso, já foi possível realizar êste ano um encontro de professoras da Escola Americana, que havíamos planejado há tempo e que felizmente agora pôde ser levado a efeito)- concursos literários, artísticos, exposições de arte, conferência, etc.

Muitas das atividades acima deveriam normalmente despertar grande interesse entre os estudantes - principalmente entre os universitários, no que concerne ao cinema, teatro, orquestra e coral. Logo que começamos a tratar do assunto foi extraordinária a reação dos estudantes. Muitos que ainda estão no Mackenzie poderão testemunhar do entusiasmo com que os planos foram recebidos pelo corpo discente de tôdas as Faculdades. Mas logo que começaram a aparecer as restrições e os conflitos de horário, e as dificuldades para ensaios, e a falta de cumprimento de inúmeros requisitos, então, como era de se esperar, os estudantes começaram a esfriar e a desanimar.

Eu mesmo também desanimei. Não só não valia a pena tão grande esforço, mas até mesmo era contraproducente. Era melhor não prometer nada. Havia outros setores no departamento cultural que podiam ser desenvolvidos sem dificuldade maior, como o

da Biblioteca Circulante, por exemplo, que criamos com o duplo objetivo de ajudar os estudantes pobres e de eliminar o velho costume que tinham muitos dos formandos de estraçalhar livros e cadernos nas calçadas ao terminarem os exames. Havia o das línguas também. Neste setor, criamos para começar, os cursos de árabe, hebraico e esperanto que logo alcançaram bom desenvolvimento. Sobretudo, do ponto de vista do interesse material do Mackenzie, trouxemos para dentro da instituição cursos que, se não davam lucro, também não davam despesa e até ofereciam a oportunidade de pôr o estabelecimento em contacto com a elite intelectual e financeira de duas das colônias mais ricas desta cidade, o que, se for sabiamente aproveitado, poderá oferecer vantagens materiais ao Mackenzie, o que não deixa de ser interessante. Outras línguas viriam depois. Para este ano planejamos inglês, francês e alemão. O professor de alemão já fora até consultado.

Além disso, havia também o Serviço Social que esteve debaixo de minha responsabilidade durante algum tempo. Propus que esse serviço fosse entregue a duas jovens formadas em Escola competente, e até mesmo propus que se criasse aqui também esse curso que está ficando totalmente nas mãos da Igreja Católica Romana. Fiz planos, consultei pessoas, sondei possibilidades, tudo de acordo com o Dr. Baker, igualmente interessado no assunto. Se a primeira parte do plano se realizou, isto é, criou-se um Serviço Social à parte do Departamento Cultural, a criação da escola caiu no olvido, até hoje não sei por que. Temos tudo o que é preciso para que essa escola funcione, inclusive alunos, principalmente se o curso for dado à noite, como eu propusera.

O mesmo teria de dizer do Curso de Orientação Educacional, também planejado, tendo ficado evidente, pelo menos para mim, que era não só possível, mas até um dever criá-lo.

Aliás, eu tinha todos os motivos para pensar no assunto porque eu senti na própria carne a urgência do problema. Para que o Ginásio e o Colégio experimental pudessem regularmente funcionar era necessário que houvesse um orientador educacional. Para que o Mackenzie fizesse economia fui eu encarregado de acumular mais esse encargo que absolutamente não era de fácil empenho.

Fiz o que pude, dentro de minhas limitações, e o meu trabalho foi reconhecido pelos responsáveis da Secretaria da Educação, entre eles um padre, diretor da Escola de Orientação Educacional em reuniões realizadas aqui mesmo no Mackenzie, na sala anexa à Capela. Ao mesmo tempo foi considerado válido o estágio de alunos de duas escolas feito no Mackenzie sob minha responsabilidade. Depois de mais de um ano de trabalho, acumulando cargos mas não salários, pedi, não por esse motivo, mas por outros, dispensa do serviço que vinha prestando. É bom que se note que "orientação" era e continuava a ser, no fundo, o meu trabalho. Mas o que eu não queria era ter mais um título e o trabalho correspondente dentro das normas exigidas para os cursos experimentais. Na verdade, para ser franco, a razão principal da minha desistência estava na diferença de ponto de vista a respeito de todo o problema das classes experimentais, desde o início.

Prosseguimos em outras atividades "culturais", principalmente com as assembléias do Ginásio e da Escola Americana. Jovens artistas, alguns deles trazidos por minha iniciativa para o Mackenzie, abrilhantavam as reuniões.

Muitas outras atividades poderia mencionar que não eram programadas, mas iam surgindo espontaneamente. Mas aquilo que realmente me importava era sempre o que se poderia fazer com tudo isso com um objetivo espiritual. Eu não podia esquecer que era essa a minha responsabilidade principal. Nesse sentido, a preparação das palestras (que fiz em grande número) visava sempre incutir alguma mensagem bíblica e cristã.

Outro trabalho que consegui fazer através do ano foi o de palestras ou discussões em grupo sobre temas os mais diversos, mas que acabavam levando-nos aos fundamentos da vida. Podiam ser aulas de ética, de grego do Novo Testamento ou reuniões para a leitura e o comentário de um trecho de Kant ou de Descartes. Inúmeros folhetos e exemplares de Novos Testamentos foram distribuídos.

Os cultos dominicais realizaram-se regularmente, porém não os diários. Muitas vezes fui obrigado a interromper esses

cultos. A maior dificuldade era a de ser o pequeno intervalo que os alunos têm para o lanche a única oportunidade de que dispúnhamos para aquêles cultos. À D. Evelina Harper devo imenso neste trabalho e também aos senhores Prof. Inglada Sammarti, Samuel Kerr e Roberto Zeidler que, no órgão, preparavam a atmosfera para a adoração e a meditação.

Devo mencionar, por último, a minha principal responsabilidade de atender, como ministro, aos alunos, pais ou professores que me procuravam no escritório constantemente. Sobre êsse trabalho nada mais posso dizer, nem mesmo citar nomes, porque o segredo profissional o proíbê. Mas posso apenas dizer que alguns dos mais sérios problemas da vida de muitos moços e também de professores e diretores, quer fossem evangélicos ou não, foram objeto de oração no meu escritório.

Eu sentia, a partir do 4º ano de trabalho, que se criara uma atmosfera cada vez mais favorável à presença do capelão e à assistência espiritual que êle podia dar. Eu sentia que Deus abençoava a obra feita com humildade, principalmente aquela que não aparecia nem podia, por sua natureza, aparecer em relatórios e estatísticas. É claro que a campanha dos inimigos continuava, mas já nada mais conseguiria realizar. Tinha sido reiniciada a era do Mackenzie "estabelecimento protestante".

Ora, Senhor Presidente, foi pensando na enorme oportunidade que existe no Mackenzie para uma obra cada vez mais intensa no setor da capelania; no fato de que o convite que me fora dirigido, e por cuja causa o Presbitério me licenciara, era para fazer precisamente uma obra ministerial e não de outra ordem; no fato de que o que de natureza especificamente cultural se podia fazer, dadas as limitações financeiras do Instituto, não justificava que eu tirasse tempo do serviço da capelania; na circunstância, como eu tinha imaginado, de que a vinda para o Mackenzie do Dr. Ricardo Shaul como Vice-Presidente iria tornar possível desenvolver muito mais o trabalho evangélico, encontrando eu o apóio de que precisava para realizá-lo com maior amplitude; no fato de que seria preferível abolir o cargo de "diretor" de um departamento pa

ra o qual não havia verbas do que, existindo esse diretor e esse de
partamento, ficarem os estudantes e outros insistindo que o Mackenzie
criava orquestra, teatro, etc. e depois não fornecia o dinheiro mí-
nimo para levar avante a iniciativa; no fato de que, para convidar
artistas de fora e orquestras famosas, não era necessário ser "dire-
tor"; e também no fato inegável de que a circunstância de ser eu
membro da administração, como diretor, de alguma forma "comprometia"
o trabalho como capelão, ao qual os estudantes pudessem abrir sua
alma e derramar suas queixas, ainda mesmo contra a administração,
e sair com a certeza de que não tinham caído numa armadilha; foi
pensando em tudo isso, Senhor Presidente, que tive a idéia de, ao
ensejo da mudança da alta administração, pedir ao Sr. Presidente,
como de fato fiz, oralmente,

§1º- que, se fôsse possível, desde que não ficasse
prejudicado no meu salário me fôsse concedido ser somente capelão,
tarefa para a qual, repito, fora convidado;

§2º- que para isso eu contasse com o apôio da admi-
nistração para desenvolver a obra evangélica dentro do estabeleci-
mento;

§3º- que eu dispunha a continuar promovendo, na me-
dida das possibilidades financeiras do Mackenzie, as atividades
extra-curriculares como antes, mas sem que, para isso, precisasse
trazer o nome de "diretor";

§4º- que, visto como talvez não houvesse possibilida-
de de um título orçamentário de "Capelão", por razões compreensí-
veis, e visto que eu estava informado de que a ajuda da Missão para
esse fim fôra há muito cortada, eu me dispunha a fazer o trabalho
por um salário mínimo ou até gratuitamente, desde que me fôsse man-
tida a mesma remuneração mediante tantas aulas quantas necessárias;
e que, ainda que fôsse preciso, para continuar no trabalho da cape-
lania, figurar no orçamento com outro qualquer nome, até mesmo com
o antigo de "diretor", o trabalho intenso que vinha realizando e,
agora muito mais havia de realizar justificava de sobra a despesa
dos \$36.000,00 que percebia como Diretor! Lamento, Senhor Presiden-
te, ser constrangido a tocar com esta franqueza nesta matéria. Se

eu fui obrigado a dar aulas, tanto quanto possível em horas fora do expediente, é porque eu recebia um salário de fome. O salário mínimo de um ministro do meu presbitério é de 35.000,00 e casa, o que daria, no meu caso, aproximadamente 50.000,00. Ora, para alcançar a esse baixo nível, baixo porque da maioria das Igrejas não podemos exigir mais, eu tive de, aqui no Instituto Mackenzie desdobrar-me para fazer trabalhos extra. Fazia-o alegremente, porque eu gosto de lecionar e gostava do meu trabalho, apesar de tudo. Gostava tanto que não aceitei um convite do Prof. Fernando de Azevedo para ser seu assistente, lugar em que ia ganhar mais e com menos trabalho do que no Mackenzie. Permaneci no meu posto apesar dos conselhos de muitos amigos em contrário.

Senhor Presidente, este relatório é também uma carta em que desabafo o que sinto. Sabe o Senhor Presidente a que é que me refiro. Mas resumo-o em poucas palavras para finalizar.

1. Quando reiniciei as minhas atividades este ano, aguardando ordens de meus superiores quanto ao que se esperava de mim, fiquei satisfeito ao verificar que tinha sido atendido o meu pedido de dispensa do título de Diretor do Departamento Cultural, embora estranhasse que, em vez de se fazer a economia que eu pretendia, vários novos funcionários tinham sido contratados para o mesmo departamento. É claro que eu nada tinha a ver com isso.

2. Nem uma palavra me foi dita a propósito de minhas sugestões, de modo que eu tranqüilamente e lealmente me pús a trabalhar e a fazer planos para o futuro.

3. Ao receber o salário, só então, é que compreendi a verdade. Verifiquei que tinha sido reduzido a menos da metade do que eu esperava receber. Ao procurar o Senhor Presidente, disse-me êle, palavras textuais, que "de fato estranhara a importância do cheque ao assiná-lo, mas que imaginara que talvez eu tivesse recebido a outra parte adiantadamente por causa da viagem à Europa". E mandou que eu falasse com a Tesouraria.

4. Ao dirigir-me a D. Henriqueta, esta me declarou

que não recebera ordem de ninguém, mas que consultara diversos sobre o meu salário, e que, visto que ninguém sabia informar nada, ela decidira, raciocinando que eu "não deveria receber sem trabalhar", fazer o cálculo apenas das aulas que eu dava, e pagar-me essa quantia. É evidente o absurdo de toda a situação, incompreensível num estabelecimento da responsabilidade e da organização do Instituto Mackenzie.

5. Conversando novamente com o Senhor Presidente, só então fui informado de que não tinha sido possível conseguir mais aulas para mim porque predominava a opinião de que eu não sabia lidar com os estudantes, chegando até mesmo a violências com eles. O Senhor Presidente bem sabe que eu desafiei a que isso fosse provado e exigi que me fossem indicados os meus acusadores.

6. Ao mesmo tempo, não me parecia haver qualquer coerência nos diversos passos dos acontecimentos, principalmente quando o Senhor Presidente me sugeriu que eu devia aceitar convite de Pôrto Rico para ensinar Bíblia, Português e Filosofia numa Universidade, para então voltar, passado algum tempo, quando a prevenção contra mim tivesse desaparecido, mas ao mesmo tempo sugeriu que eu pedisse demissão de todos os cargos no Mackenzie e me desligasse definitivamente, e que a mesma coisa devia fazer minha esposa se ela também me acompanhasse a Pôrto Rico. Além disso, a carta que, em resposta à minha, me veio de Pôrto Rico informava apenas que a direção da Universidade agradecia a minha carta e tomava nota do meu interesse em candidatar-me para ensinar Bíblia e Português, e não fazia nenhuma referência a Filosofia.

7. Ora, Senhor Presidente, pedir eu demissão, por que? Se o Mackenzie não deseja mais os meus serviços devia despedir-me lealmente, cumprindo a lei que rege o assunto. Por que é que o Mackenzie há de insistir em fazer economia à minha custa? Não fiz eu o trabalho de Orientador Educacional durante tanto tempo sem perceber um tostão? Não estava o Mackenzie já economizando ao pagar a um Diretor uma importância ridícula em proporção com a que outros funcionários, de muito menor responsabilidade e atividade, recebem? Não tinha já o Mackenzie cobrado refeições que eu tinha tomado nos internatos por exigência do meu trabalho e lanches servidos a estudantes que eu reunia para estudar a Bíblia? Não tinha já o Mackenzie se negado a pagar-me o que eu de direito devia receber por participação em bancas de exames?

na Escola de Comércio? Achou o Mackenzie, decerto, que, como jamais protestara decerto também não protestaria agora. Mas agora é diferente, Senhor Presidente. Por que há de o Instituto Mackenzie tirar o salário de um homem que lhe foi sempre leal e jamais deixou de dar-lhe o melhor de suas energias durante os seis anos de serviços prestados? Será por economia?

8. Comecei a procurar descobrir quem fôra o autor das acusações contra mim levantadas. Encontrei-o. Não lhe menciono o nome por escrito porque não m'o consente o meu senso de ética profissional. Mas posso afiançar ao Senhor Presidente que:

a) O autor da acusação não tem autoridade moral para fazê-la;

b) Ele baseiou-se num incidente ocorrido na hora do culto, no auditório Rui Barbosa, estando o referido acusador ausente;

c) A mesma queixa êle a levou, na ocasião do incidente, e novamente no relatório anual, ao então Presidente Dr. Baker, mas êste nem sequer achou que deveria censurar-me pelo que tinha havido, simplesmente porque o autor da acusação estava enciumado por ter eu "invadido seara alheia", quando a verdade era que não só eu não invadira seara alheia porque se tratava de uso de um direito meu de corrigir aluno numa reunião que eu presidia, como também eu não usara absolutamente de violência;

d) Ao ser informado de que êsse incidente fora explorado até mesmo em relatório escrito que poderá vir a ser eventualmente lido por outras pessoas, resolvi incluí-lo também no meu relatório, muito embora o faça com constrangimento.

9. Lamento escrever êste relatório nestes termos, mas não posso deixar de dizer-lhe, Senhor Presidente, que absolutamente não estou disposto a renunciar aos meus direitos.

10. Peço a Deus que ilumine os responsáveis pela solução deste problema para que tudo possa concorrer para a honra do evange.

JCM/bmk

Respeitosamente,

Jorge Cesar Mota